

UM OLHAR DISCURSIVO NAS CAPAS DE LIVROS: diálogos entre as imagens e as palavras em “Dom Casmurro”

Pedro Ivo Silveira Andretta*
Nádea Regina Gaspar**

memória científica original

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as linguagens verbo-visuais presentes em uma coleção de capas de um romance narrativo e o modo como elas retratam o conteúdo da obra, com vista ao processo de análise de textos literários. Recorre-se, para tanto, à teoria arqueológica de Michel Foucault em seus conceitos de “enunciado” e “formação discursiva” presentes no livro “A Arqueologia do saber”, os quais foram aplicados na obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis. Demonstra-se, como resultado, dois enunciados que funcionariam como temas: “A cidade do Rio de Janeiro no século XIX” e “A traição e o adultério feminino”, que constituíram a formação discursiva: “A traição e o adultério feminino no Rio de Janeiro do século XIX”. Foi observado ao final, que a teoria discursiva poderia colaborar na prática de análise de textos narrativos literários, abrindo mais uma possibilidade de estudos, dentre as existentes, também no campo da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Análise do discurso. Literatura brasileira. Dom Casmurro. Capas de livros.

* Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
E-mail: andretta.pedro@gmail.com

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – São Carlos, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
E-mail: nagaspar@terra.com.br

A proliferação textual pode se tornar obstáculo ao conhecimento. Para dominá-la, são necessários instrumentos capazes de triar, classificar, hierarquizar. Mas, irônico paradoxo, essas ferramentas são, elas próprias, novos livros que se juntam a todos os outros.
(CHARTIER, 1998, p. 99)

“instrumentos” para classificá-los, e também, sobre o paradoxo apontado acima por Chartier (1998), ou seja: “irônico paradoxo, essas ferramentas são, elas próprias, novos livros que se juntam a todos os outros”. Iniciamos nosso diálogo, assim, com a primeira parte dessa citação, para depois nos fixarmos na segunda.

De modo análogo a crescente produção textual e documental, que se expandiu após a popularização da imprensa, iniciou-se, derivado disso, algumas práticas que visavam sistematizar, organizar e difundir essas produções autorais. Essas práticas humanas ocorreram em diversos segmentos, como implantações de: livrarias, editoras, arquivos, bibliotecas. Embora com especificidades,

I INTRODUÇÃO

A epígrafe acima nos convida a fazer uma breve reflexão sobre a “proliferação textual como obstáculo do conhecimento”, bem como sobre os

atuações e funções que se diferenciaram ao longo da história, o que todos esses segmentos tinham em comum era a finalidade a qual se destinavam, ou seja: atuavam para que os leitores encontrassem rapidamente os textos de que necessitassem, e para isso, buscaram facilitar o acesso ou o encontro dos leitores com os textos que procuravam. Com isso, reiteramos com Chartier (1998), foram gerados e sistematizados instrumentos e técnicas que buscaram transformar as obras originais, em informações.

As práticas em torno da organização da informação perduraram, e hoje, mais do que em qualquer outro momento da história, expandiram-se muito além do que naquele momento do início da imprensa, devido ao grande acúmulo textual, tanto em ambientes reais como nos virtuais. Esta pesquisa se aterá em uma dessas práticas que ocorrem em um dos seus espaços: o das bibliotecas.

Em se tratando especificamente de bibliotecas, como sendo uma das áreas da Ciência da Informação, pois segundo Barreto (2007) essa Ciência é a “que se preocupa e se ocupa com os princípios teóricos e as práticas da criação, organização e distribuição da informação”, foram e são muitas as ferramentas direcionadas para a classificação, organização e disseminação da informação que ocupam o cotidiano do trabalho dos bibliotecários, e que hoje não somente bibliográficas. Uma das subáreas teóricas que se propõe a realizar a organização da informação nas bibliotecas é a da Análise documentária. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 15) a conceituam como,

análise do conteúdo temático de documentos efetuada com o objetivo de conseguir elementos que permitam a representação resumida desse documento. A análise documentária pode resultar, conforme o caso, numa condensação, ou em descritores/termos de indexação.

Devido a isso a análise documentária ou documental é fundamental no terreno da Ciência da Informação, e diversos estudiosos se ocuparam e tem se ocupado em explicitar teorias, métodos, técnicas e instrumentos que facilitem o acesso ao texto, por meio da informação dos mesmos.

O objeto desta pesquisa não é o de realizar esta retrospectiva sobre como veio se desenvolvendo na história os estudos da análise documentária. Um dos propósitos da mesma, que será especificado logo abaixo, é o de se ater a uma das análises que se poderia realizar em uma das tipologias textuais, a de obras literárias narrativas, em especial, a dos romances.

As obras narrativas ocupam grande parte dos acervos das bibliotecas universitárias, públicas e escolares, porém, há lacunas a ser preenchidas em relação às análises que se poderia desenvolver dessas obras nesses ambientes, haja vista que o leitor/usuário deseja recuperá-las por assuntos específicos de que tratam, e não apenas por gêneros textuais e origem das nacionalidades literárias, como vem sendo feito até então, resultando disso, sua subutilização.

A análise documental de obras narrativas já vem sendo estudada no campo teórico da área da Informação, tanto na esfera internacional como na nacional. Picci (2008), por exemplo, demonstra algumas iniciativas internacionais direcionadas para esse objeto, que vem ocorrendo em bibliotecas especializadas, e embora esses estudos já revelem avanços em relação a isso, pois demonstram os instrumentos documentais, tais como, cabeçalhos de assuntos e tesouros, eles ainda não apresentam os procedimentos de leitura utilizados por essas bibliotecas na análise dos assuntos das narrativas, com vistas à identificação e seleção dos temas.

No Brasil, Moraes e Guimarães (2008) e Moraes; Guimarães e Guarido (2007), apoiados na proposta do “percurso gerativo de sentido” advindo da teoria Semiótica de Greimás, têm apresentado e orientam pesquisas voltadas para a análise documental de narrativas, com resultados bastante promissores no campo da Ciência da Informação. Como afirma Moraes e Guimarães (2008, p. 39) “a construção do percurso gerativo de sentido pressupõe três patamares: as estruturas fundamentais, as narrativas e as discursivas” de maneira que, “no terceiro nível, [...] aparecem as estruturas narrativas abstratas, as quais podem ser concretizadas pelas figurativização ou tematização, ou seja por meio de temas ou figuras” que proverão a identificação do tema através da isotopia, isso é, a recorrência de categorias sêmicas, tanto abstratas como figurativas, no texto.

Em meio a essas vozes teóricas, e no sentido de também oferecer uma proposta teórica e analítica da leitura e análise documental de narrativas na Ciência da Informação, esta pesquisa se debruçou em estudar aspectos da Análise do Discurso de linha francesa, advinda da teoria de Foucault (1996, 2008), aplicando alguns dos seus pressupostos no romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Nosso intento está focado nas relações que se pode realizar entre as capas e o conteúdo de textos literários, subsidiando, assim, a leitura documental e, por conseguinte, a identificação de temas para a descrição de obras narrativas.

Um estudo interessante, no terreno da Ciência da Informação, sobre a relação das capas de livros e seus conteúdos, foi feito por Siqueira (2010), e para tanto, a autora recorreu à teoria Semiótica de Peirce e Santaella, aplicando-as em obras técnico-científicas já consagradas do domínio da Ciência da Informação. O que se apresenta nesta pesquisa, contudo, é outra possibilidade analítica e teórica, pois aqui nós consideramos a relação entre o conteúdo e as distintas capas que se apresentaram em várias edições de uma única obra narrativa.

A relação do conteúdo e das capas de textos narrativos foram pesquisas abordadas também no terreno da Comunicação, como por Ribeiro (2002) e Straccia (2007), com finalidades, contudo, diferentes da nossa, uma vez que, o primeiro estudou sobre a história das capas e o *designer* das capas brasileiras do romance “Lolita”; já, o segundo, sobre a relação das capas de obras literárias cujas histórias foram adaptadas ao cinema e a televisão.

Nesta pesquisa, portanto, pontuaremos os seguintes princípios de Foucault (1996, 2008): “discurso”, “enunciado”, “formação discursiva” e “arquivo”, e buscaremos visualizá-los na análise do romance “Dom Casmurro” de Machado de Assis, relacionando-os com as diferentes capas que envolveram suas diversas edições entre os séculos XIX e XXI, e com isso buscando demonstrar, discursivamente, como foram apresentadas: a) algumas das várias edições das capas nesse romance; b) aspectos de como essas capas “falam” ou discursivizam o conteúdo dessa obra; c) as possibilidades em encontrar, nessa

relação capas/conteúdo, temáticas desse romance.

Assim como outros teóricos o fizeram, esperamos favorecer o processo de leitura e análise documental das obras narrativas nas bibliotecas, em especial, a dos romances.

2 ASPECTOS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO DE MICHEL FOUCAULT

Mediante a sólida teoria arqueológica proposta por Foucault (2008), advinda do livro “A arqueologia do saber”, foi possível realizar para o intento desta pesquisa, apenas um breve esboço sobre alguns dos princípios dessa teoria, quais sejam: “discurso”, “formação discursiva”, “enunciado” e “arquivo”. Foram esses os princípios, contudo, que nos permitiram compreender, na analítica discursiva, a relação das capas com o conteúdo da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis, como exposta mais abaixo. Vejamos a seguir, então, a compreensão de Foucault (2008) sobre eles.

2.1 O discurso e a formação discursiva em Foucault

Para Foucault (2008, p.132),

chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de existências.

Deste modo, é possível apreender os discursos, delimitando-se “um número limitado de enunciados”, tendo em vista, contudo, o “conjunto de existências”. Se, é necessário delimitar os enunciados, e esses se encontram contidos nos textos, Foucault (2008, p. 123) explicita que a arqueologia “constitui outra maneira de abordar as performances verbais, de dissociar sua complexidade, de isolar os termos que aí se entrecruzam e de demarcar as diversas regularidades que obedecem”. Essa “outra maneira” de análise, advinda da teoria arqueológica, pauta-se, prioritariamente, na

descrição de “formações discursivas”. Assim, nas palavras do mesmo autor (2008, p. 177), é visto que:

A análise arqueológica individualiza e descreve formações discursivas, isto é, deve compará-las, opô-las umas às outras, na simultaneidade em que se apresentam, distingui-las das que não tem o mesmo calendário, relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas não discursivas que as envolvem e lhes servem de elemento geral.

As “formações discursivas”, portanto, alojam,

[...] na maior parte do tempo, [...] o duplo signo da totalidade e da pletora. Mostra como os diferentes textos de que tratamos remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época (FOUCAULT, 2008, p.134).

Se, a teoria do discurso de Foucault, considera a “totalidade” e a “pletora” ou uma grande quantidade de textos distintos para se realizar a análise, é por meio das relações entre eles que será possível estabelecer novas configurações em “uma figura única”, e é isso que pode ser apreendido pelo analista, segundo ele, por meio dos modos como os discursos se formam, ou, no dizer do teórico, por meio de “formações discursivas”.

A arqueologia propõe ao analista, desta maneira, que ele reconheça as regularidades enunciativas, presentes em determinadas formações discursivas, e neste movimento analítico se verifique, como elas oferecem sentidos.

É neste contexto que Foucault (2008, p. 55) observa os discursos como “práticas”, pois para ele é necessário:

[...] não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam, [e compreender que] os discursos são [sim] feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas;

[é esse] “mais” que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala.

Os discursos são agrupados por meio de formações discursivas que podem ser vistos por meio de “blocos”, vamos dizer assim, como: os científicos, os religiosos, os publicitários, os midiáticos, os literários, etc. Contudo, esses “blocos” se agrupam por meio de um “[...] conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação [discursiva].” (FOUCAULT, 2008, p. 124). Deste modo, para o autor, isso não significa que eles seriam agrupados por: suportes iguais, códigos de linguagens (imagéticos ou escritos) semelhantes, gêneros absolutamente iguais, mas, o que os assegura estarem em uma mesma formação discursiva, inicialmente, seria a relação existente entre os enunciados. Sobre isso, Foucault (2008, p.132) diz:

[...] a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência.

Percebe-se, assim, mesmo que somente sinalizado acima, aspectos da teoria foucaultiana sobre o discurso, e que, por essa via de análise, o mesmo encontra-se disperso nos textos, cabendo ao analista agrupá-los e descrevê-los, percebendo-os, inicialmente, como dispersão mesmo. Porém, essa dispersão pode ser apreendida por meio do reconhecimento dos enunciados, que gestam e geram as formações discursivas.

Uma das regras para a formação dos discursos advindas de Foucault, portanto, é o enunciado.

2.2 O enunciado para Foucault

O enunciado é para Foucault (2008) a menor parte que se pode apreender em um discurso, podendo ser isolado se esse se relacionar com outros elementos semelhantes a si. Para Foucault (2008, p. 95), ainda, “[...] o

limiar do enunciado seria o limiar da existência de signos.” Devido a isso é que Foucault (2008, p. 98) explicita que,

O enunciado [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação.

O enunciado, enquanto “função de existência” depende do olhar do analista para que ele o encontre e o descreva, e para tanto, é preciso identificá-lo nos conjuntos de textos que estão à disposição do analista, por meio das regras, formuladas por Foucault para tanto, quais sejam: a “Série”, o “Sujeito”, o “Campo Associado” e a “Materialidade”.

A “Série” enunciativa é assim vista pelo teórico:

Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definitivo, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola (FOUCAULT, 2008, p. 112).

Foucault percebe a evidência da série enunciativa, como dito antes, não somente pela via das palavras, sintagmas, proposições, códigos, termos ou atos de fala, embora seja também aí que eles se evidenciam. Mas, Foucault (1997, p.104, grifo do autor) indica que é preciso perceber que

[...] a série se insere a um ‘referencial’ que forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado. O referencial diz respeito a um conjunto de formulações, que caracteriza o nível enunciativo.

Ao observar os textos, o analista necessita atentar inicialmente à repetição enunciativa, por exemplo, quantas vezes surgem e se reiteram determinadas palavras, frases; certos parágrafos ou, às vezes, capítulos escritos em livros; qual a relação desses elementos enunciativos com a capa do livro; cenas e seqüências em filmes; fotos, ilustrações, quadros; pronunciamentos orais (palestras, entrevistas, oralidade advindas das mídias, etc). Nessa primeira “seleção” dos enunciados, seguindo a proposta do ‘referencial’, o analista precisa observar atentamente: a) quais os lugares em que os enunciados são pronunciados (instituições a que estão vinculados); b) em quais condições o enunciado se apresenta, e, nesse, ponto sugere-se que se atente a uma ordem cronológica histórica, pois isso auxilia tanto a encontrar enunciados anteriores e posteriores que se assemelham ao escolhido inicialmente quanto assegura destacar o enunciado que será eleito; c) qual a relação estabelecida entre o enunciado eleito com os objetos que aparecem em torno dele; d) qual a relação que se poderia estabelecer entre os sujeitos que interagem em torno do enunciado escolhido; qual a relação com a forma material (oral, escrita, visual e audiovisual) na qual o enunciado se apresenta. Assim, o que Foucault sugere é a atenção do analista aos “estados das coisas” que efetivamente se apresentam numa série e podem vir a ser consideradas como enunciado.

Além da série, o “Sujeito” é outro princípio para se identificar o enunciado. O “Sujeito” do enunciado, para Foucault, não é idêntico ao autor. O autor, segundo Foucault (1997, p.26): “é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, foco de sua coerência”. Já o sujeito do enunciado é concebido por ele (1997, p.109) como um “lugar determinado e vazio, que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes (...) descrever uma formulação enquanto enunciado [consiste] em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito”. Percebe-se, assim, que o sujeito enunciativo se caracteriza pelo “lugar e posição” que ocupa no funcionamento discursivo. Um “lugar”, pois seu pronunciamento advém de diversas práticas estabelecidas institucionalmente; uma “posição”, uma vez

que seu saber é oriundo de um domínio próprio do sujeito que enuncia. Considerando-se, por exemplo, romances, capas e textos científicos, é possível observar que há vários sujeitos enunciativos, tais como: personagens literários ou editores que fizeram as capas, pesquisadores, tradutores, etc. Essa regra enunciativa indica também que, se os sujeitos assumem posições diferenciadas no funcionamento discursivo, pois essa posição é passível de deslocamento quando se trata de vários sujeitos dentro de um grupo de enunciados, o autor adota a posição daquele que “agrupa os discursos” pronunciados pelos vários sujeitos enunciativos, que se encontram nos textos a serem analisados.

O sujeito sendo observado na série enunciativa insere-se em “Campos que se associam”. Os “campos que se associam” é um terceiro princípio para se identificar o enunciado discursivo, pois para que um enunciado seja considerado como tal, ele também precisa estar em um domínio, em uma relação com um campo adjacente, ou seja, em relação com outros enunciados. Devido a isso é que Foucault (2008, p. 111) explica que: é “o campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, e forma uma trama complexa”. Se retirarmos uma frase ou proposição do contexto que a esclarece, ainda assim conseguiremos reconhecê-la como tal. Já não podemos retirar o enunciado do domínio associado a que pertence. Isto porque o enunciado está sempre relacionado a outros enunciados em um campo associado.

“Não há enunciado que não suponha outros”, diz Foucault (2008, p. 114); “não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de existências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis”. Deste modo, deve-se associar o elemento enunciativo encontrado inicialmente com outros que se mostram ao analista, como diz Foucault (2008, p. 112), em “um espaço colateral”, pois “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”.

Às vezes, o enunciado encontrado inicialmente se destaca novamente, em uma série, no mesmo texto em que se está analisando; outras, ele pode estar em outros

textos, inclusive em outros gêneros textuais iguais ou mesmo os que se diferenciam do primeiro texto. O enunciado também pode se apresentar de modos distintos: na forma escrita, em conversas, em imagens fixas, em imagens em movimento,

Se, o campo associado pode ser visto e relacionado com frases, parágrafos, imagens fixas, imagens em movimentos, em movimentos de réplicas, conversações, sequências, atualizações, isso remete ao quarto princípio que o analista precisa observar para que se possa encontrar o enunciado: “a Materialidade”.

A “Materialidade” faz parte da constituição do enunciado, pois esse é visualizado em algum tipo existência material. Foucault (1997, p.114) esclarece que, a materialidade “é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade”.

O autor (1997) esclarece que independente de coordenadas espaço-temporal, o enunciado é uma forma repetível. Pequenas mudanças em sua materialidade perceptível não são suficientes para que ele perca sua identidade, pois obedece a um regime de materialidade repetível que lhe é intrínseca; por exemplo, enunciados podem se repetir em várias edições de um livro, que é uma instância de repetição para enunciados. Foucault (1997, p. 116, grifo do autor) esclarece:

o regime de materialidade a que obedecem necessariamente os enunciados é, pois, mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal; define antes **possibilidades de reinscrição e de transcrição** (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e perecíveis.

Uma seqüência de elementos linguísticos ou qualquer conjunto de signos podem ser considerados como um enunciado se estiver dentro de um campo enunciativo, relacionando-se com outras seqüências de elementos linguísticos, ou com outros conjuntos de enunciados no mesmo campo. Isso porque, o enunciado, através de uma materialidade repetível, se manifesta em vários suportes, gêneros, instâncias e substâncias que o sustentam e o tornam presentes em uma memória. Devido a isso, Foucault (1997, p.118) esclarece:

ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, [o enunciado] aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga.

Por meio desses princípios foucaultianos: “Série”, “Sujeito”, “Campo Associado” e “Materialidade”, é que o analista encontra os enunciados discursivos, como se visualizará mais adiante na análise.

A teoria arqueológica, formulada por Foucault (2008), portanto, estabelece princípios para o reconhecimento das regularidades nos enunciados presentes em determinadas formações discursivas, e assim, é que por meio das análises textuais, pode-se reconhecer de que modo os discursos oferecem múltiplos sentidos. Deste modo, a análise foucaultina não procura sentidos interpretativos e ocultos nos textos, mas, busca descrever os modos como os discursos se formam, ou como explicitado acima, as “formações discursivas”.

As relações entre as formações discursivas formam o sistema de “Arquivo discursivo”, definido por Foucault (2008, p.147, grifo do autor) como:

O arquivo é de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem rupturas e não desapareçam, ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se contenham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas [...].
É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.

Devido à impossibilidade de se analisar “tudo o que se disse” em determinadas formações discursivas, é que “o arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade.” (FOUCAULT, 2008, p. 148).

A “Série”, o “Sujeito”, o “Campo Associado” e a “Materialidade”, portanto, são os quatro princípios destacados por Foucault para se encontrar o enunciado discursivo.

Neste trabalho, recorreremos a um arquivo discursivo derivado do romance de Machado de Assis, composto por capas advindas das várias edições de “Dom Casmurro” para aplicarmos os princípios discursivos, buscando, primeiramente, encontrar alguns enunciados que constituem esse arquivo, e depois, agrupá-los em uma formação discursiva.

3 UM OLHAR DISCURSIVO NA ANÁLISE DE DOM CASMURRO

A aplicação dos princípios foucaultianos, como exposto acima, para se encontrar os enunciados discursivos foram aplicados em um arquivo discursivo composto por capas advindas das várias edições de “Dom Casmurro” de Machado de Assis, sendo que as mesmas foram identificadas por meio do Portal Skoob. Ressaltamos que essa obra foi escrita originalmente em 1899, mas foi publicada pela primeira vez em 1900 e é até hoje re-editada em novas edições, sem, contudo, seu conteúdo sofrer alteração.

Dentre todas as capas por nós analisadas, discursivamente, em relação ao conteúdo dessa obra, desde o ano de 1899 até 2010, e considerando-se os recortes necessários para a finalidade a que se destina este trabalho, certamente o que apresentaremos será uma amostragem da aplicação da teoria foucaultiana nas análises, pois ficaria muito extenso descrever todos os enunciados encontrados neste arquivo.

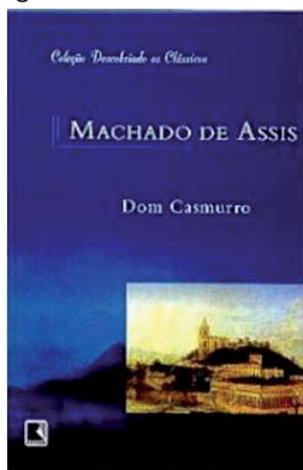
No sentido exposto é que vamos nos ater a descrição de dois enunciados discursivos: “O Rio de Janeiro do século XIX” e “A traição e o adultério feminino no século XIX”. Esses enunciados compõem a seguinte formação discursiva: “A traição e o adultério feminino no Rio de Janeiro do século XIX”.

Vejam, então, como eles foram encontrados na relação capas/contéudo e o modo como poderiam ser descritos.

3.1 Primeiro Enunciado Discursivo: “o Rio de Janeiro do século XIX”

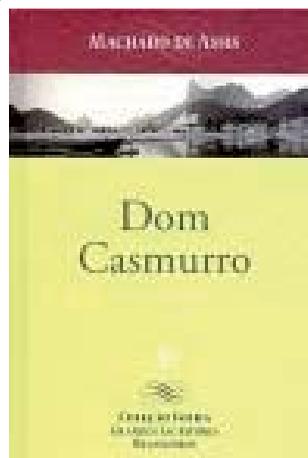
Vejamos as imagens¹ das capas abaixo:

Figura 1 – Editora Record, 1998



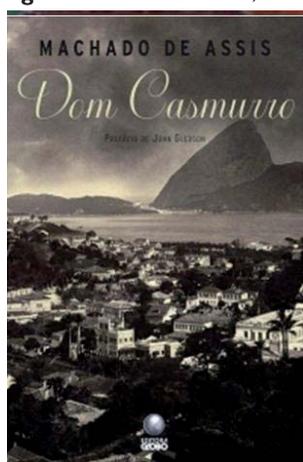
Fonte: Portal Skoob

Figura 2 – Editora Nova Fronteira, 2007



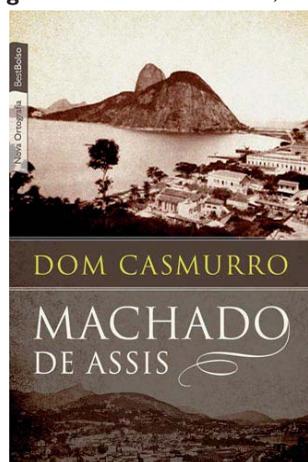
Fonte: Portal Skoob

Figura 3 – Editora Globo, 2008



Fonte: Portal Skoob

Figura 4 – Editora BestBolso, 2010



Fonte: Portal Skoob

As capas apresentadas nas figuras acima se referem a: “Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro” (Figura 1), “região do Botafogo ou Flamengo e ao longe o Corcovado” (Figura 2), “Lagoa Rodrigo de Freitas” (Figura 3) e o “Morro da Urca” (Figura 4).

As imagens, como se vê, trazem algumas construções simples, sem edifícios, entre poucas

árvores, que ainda não caracterizam as favelas dos tempos contemporâneos, mas sim, as residências do século XIX. Na segunda imagem, onde se vê o Corcovado, podemos notar que não há o Cristo Redentor, um dos símbolos atuais do Rio de Janeiro, uma vez que esse monumento só foi erigido no século XX. A presença do passado se marca também pelas cores, sendo frequente o uso do tom sérvia, quando não o preto e branco, recordando que a fotografia em cores só viria a surgir em meados do século XX.

¹ As imagens foram extraídas do Portal Skoob, e estão disponíveis em: <http://www.skoob.com.br/livro/edicoes/180>.

As imagens acima foram analisadas por nós em uma “série”, sendo que apresentamos em uma ordem de apresentação por datas, no caso, de 1998 a 2010. Nelas se observa alguns “sujeitos” que as elaboraram, e no caso, o que se destaca, são os sujeitos institucionais, as editoras. As “materialidades” que as constituem retratam o universo do verbal (escrito) com o não verbal (imagens), e para que possamos observar os “campos associados”, ou os campos que associam essas imagens às palavras, destacamos excertos de alguns dos capítulos da obra “Dom Casmurro”² de Assis (on-line). Os grifos nossos derivam de destaques que desejamos fazer, referendando os locais do enunciado, no caso, “Rio de Janeiro do século XIX”, e relacionando-os com as imagens das capas.

Capítulo V - “O agregado”: “Quando meu pai foi eleito deputado e **veio para o Rio de Janeiro** com a família [...]” (p. 4);

VII - “Na varanda”: “[...] e eu dizia que não, ouvia-lhe contar que sonhara comigo, e eram aventuras extraordinárias, que **subíamos ao Corcovado** pelo ar [...]” (p. 10);

XX - “Mil Padre-Nossos e Mil Ave-Marias”: “Mandar dizer cem missas, ou subir de joelhos a **Ladeira da Glória**” (p. 19);

CI - “No Céu” - “Quando **chegamos ao alto da Tijuca** [...]” (p. 85);

CXVII - “Amigos próximos”: “[...] estávamos tão próximos, tínhamos por assim dizer uma só casa, eu vivia na dele, ele na minha, e o pedaço de praia **entre a Glória e o Flamengo** era como um caminho de uso próprio e particular” (p. 97);

CXX - “Os autos”: “Capitu e a prima Justina saíram para a missa das nove, na **Lapa**.” (p. 100)

O “referencial” temporal que diz respeito ao século XIX pode ser observado, por exemplo, nas datas expostas nos capítulos:

III - “A Denúncia”: “[...] **o ano era de 1857**” (p. 2);

LIV - “O Panegírico de Santa Mônica”: “[...] **em 1882**, indo ver certo negócio em repartição da Marinha, ali dei com este meu colega, feito chefe de uma seção administrativa.” (p. 48);

CI - “No Céu”: “[...] casemo-nos. Foi em **1865** [...]” (p. 85);

CIII - “A Felicidade Tem Boa Alma”: “Nenhum de nós riu; ambos escutávamos comovidos e convencidos, esquecendo tudo, desde a tarde de **1858**” (p. 86);

CXXXI - “Anterior ao anterior”: “Capitu estava mais bela, Ezequiel ia crescendo. Começava o ano de **1872**.” (p. 105).

É possível, ainda, observar indicações próprias dessa época, meados até final do século XIX, em passagens textuais que demonstram as funções e posições dos sujeitos; bem como os locais do Rio de Janeiro de então, os costumes, o valor do dinheiro, tais como:

V - “O Agregado”: “Havia então um andaço de febres; José Dias curou **o feitor e uma escrava**, e não quis receber nenhuma remuneração [...] Um dia, reinando outra vez febres em Itaguaí, disse-lhe meu pai que fosse ver a nossa **escravatura**” (p. 4);

VII - “D. Glória”: “Não quis; preferiu ficar perto da **igreja em que meu pai fora sepultado**. Vendeu a fazendola e os **escravos** [...]” (p. 6);

XXIX - “O imperador”: “Em caminho, encontramos o **Imperador**, que vinha da Escola de Medicina.”

CXXII - “O Enterro”: “[...] Um ou outro discutia o **recente gabinete Rio Branco; estávamos em** março de **1871**.” (p. 101);

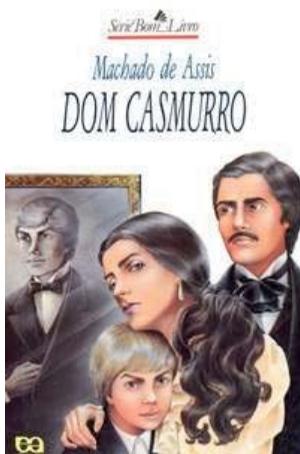
Como se observa, no caso do ambiente da narrativa, há uma relação entre a série imagética presente nas capas e as apresentadas textualmente (via palavra) nos capítulos do romance. As capas do romance, enquanto materialidades imagéticas de um mesmo enunciado são apresentadas pelos sujeitos, no caso, as editoras, de modos distintos, por meio de reinscrições e transcrições. Contudo, elas evocam, por meio de campos que se associam internamente à obra, ilustrações de um tempo e de lugares de uma cidade: “O Rio de Janeiro do século XIX”.

3.2 SEGUNDO ENUNCIADO DISCURSIVO: “A TRAIÇÃO E O ADULTÉRIO FEMININO”

Consideremos as figuras das capas apresentadas a seguir:

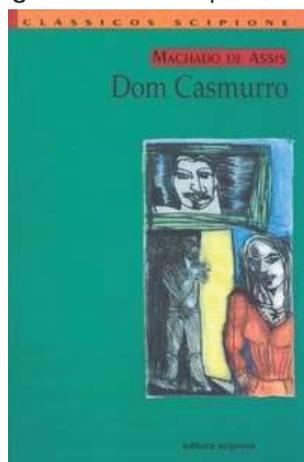
2 ASSIS, M. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [199?]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownLoad.do?select_action=&co_obra=2081&co_midia=2> Acesso em: 03 jun. 2010.

Figura 5 – Editora FTD, 1997



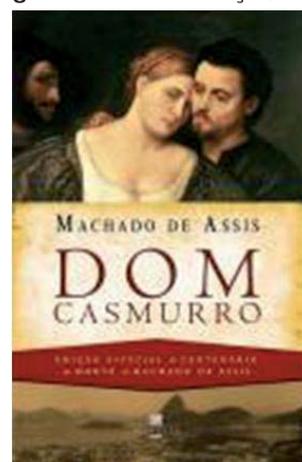
Fonte: Portal Skoob

Figura 6 – Editora Scipione, 2004



Fonte: Portal Skoob

Figura 7 – Editora Elevação, 2008



Fonte: Portal Skoob

A figura 5 apresenta quatro pessoas: em primeiro plano uma mulher com uma criança, seguida de um homem. No segundo plano, a imagem de um homem que está em um retrato. A imagem atrai a atenção dos leitores, pois um dos homens, o que está no retrato, se parece muito com a criança.

Na figura 6, com uma aparência mais abstrata, vemos novamente em primeiro plano uma mulher, em logo acima dela há algo que parece a moldura de um retrato em que figura uma imagem masculina; ao seu lado, há um homem atrás de algo que parece uma porta.

Na figura 7, vemos uma mulher que aparenta estar se aconchegando ao ombro de um homem; atrás deles se vê um homem como a espreitá-los. Em uma faixa abaixo dos três se vê casas, a figura de morros, e o que parece ser o mar, oferecendo-nos a impressão de ser a cidade do Rio de Janeiro.

Na série das três capas percebe-se que os estilos de suas produções se diferenciam, e isso pode ser visto: na primeira que parece uma fotografia, na segunda pelos traços da pintura e o uso das cores, e na terceira que parece ser um misto entre uma pintura de um quadro e uma fotografia da época. Contudo, é regular a aparição dos sujeitos: um feminino, no primeiro uma criança, e os dois homens sendo que um deles parece sempre estar espreitando, via a direção dos seus olhos, para a mulher.

Na leitura do romance averiguamos que a protagonista da história, e que é a personagem

principal da trama, Capitu, é o sujeito feminino que, reiteradamente, aparece nas imagens, assim como os homens e a criança são os sujeitos masculinos que compõem a trama da narrativa: Bentinho, o menino Ezequiel e Escobar.

Trama essa, construída por Machado de Assis, em torno do ciúme e de um suposto adultério de Capitu para com seu esposo Bentinho, que talvez o tenha traído com Escobar, seu melhor amigo. Destacamos que a palavra “traição” ou “adultério” não aparece em nenhum momento no romance, mas está implícita em passagens de alguns capítulos.

Nas três figuras acima é possível verificar não só a semelhança entre Ezequiel (o filho) e Escobar (o amigo de Bentinho), insinuando para o possível adultério de Capitu a Bentinho, sendo que isso é reiterado nos seguintes capítulos:

CXXXI - “Anterior ao Anterior”: “**Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? perguntou-me Capitu. Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar**” (p.105);

CXXXII - “O Debuxo e o Colorido”: “**Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume**” (p. 106);

CXXXIX - “A Fotografia”: “**Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel**” (p. 111);

CXLV – “O Regresso” (p. 114);

Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do seminário de S. José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. Trajava à moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. Era o meu comborço; era o filho de seu pai.

Nas capas observadas conjuntamente, em suas relações com os capítulos, parece haver duas invocações: a da traição de Escobar e Capitu e também ao adultério dessa com esse.

O modo como foi disposta a posição dos sujeitos na narrativa, porém, revela duas leituras para essa trama que é apresentada nesse romance: uma primeira, que diz respeito à provável traição, isto é, Bentinho ao lado de Capitu, e Escobar “com os olhos” voltados para Capitu. Em outra, encontra-se o sujeito Bentinho ao fundo “olhando” para a traição de Capitu com seu amigo Escobar.

Essa segunda leitura, aliás, é compartilhada pelo narrador do romance no Capítulo CXLVIII, intitulado “E Bem, e o Resto?”, quase no fim do livro: “[...] a saber, que a **minha primeira amiga e o meu maior amigo**, tão extremosos ambos e tão queridos também, **quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me[...]**” (p. 116).

A traição e o adultério, portanto, são marcantes nessa trama. Mesmo com o uso de recursos estilísticos narrativos ou pictográficos diferentes, os quais fundamentam, inclusive, o deixar ao “sabor do leitor” o final da história, sendo isso uma das características do estilo Realismo, quando se analisa discursos, encontra-se a “convergência enunciativa”, dando voz e vez ao sujeito do narrador-personagem. As várias capas analisadas, assim, enquanto materialidades repetíveis, também se re-inscrevem a partir da transcrição do (que é) enunciado na narrativa: “A traição e o adultério feminino”.

Os dois enunciados analisados acima: “O Rio de Janeiro do século XIX” e “A traição e o adultério feminino”, compõe uma formação discursiva:

Formação discursiva: “A traição e o adultério feminino no Rio de Janeiro do século XIX”.

A seguir traçaremos breves considerações finais sobre este trabalho.

4 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender o modo como as capas de um mesmo romance literário, no caso, “Dom Casmurro” de Machado de Assis, foram se apresentando ao longo das suas várias edições, tendo em vista a identificação de temas que os bibliotecários necessariamente precisam fazer em análises de textos, no caso, nos romances narrativos.

Recorremos, para tanto, à teoria arqueológica de Foucault (2008), no que diz respeito aos seguintes princípios: “discurso”, “enunciado”, “formação discursiva” e “arquivo”, e os aplicamos na análise de um *corpus* do romance “Dom Casmurro” de Machado de Assis, composto por diferentes capas que envolveram as diversas edições dessa obra entre os séculos XIX e XXI, buscando relacioná-las ao conteúdo da obra.

A análise discursiva demonstrou três pontos, que se relacionam entre si: a) algumas das várias edições das capas nesse romance ao longo da história; b) aspectos de como essas capas “falam” ou discursivizam o conteúdo dessa obra; c) as possibilidades em encontrar, nessa relação capas/contéudo, temáticas desse romance, preciosos a Ciência da Informação.

A análise advinda da teoria discursiva de Foucault, como se observou, torna-se também um ferramental bastante interessante de ser investigado na área da Ciência da Informação, pois oferece contribuições para o auxílio da atividade de análise temática, no caso, literária, desse campo em questão. Isso pode ser visto, porque na comparação do texto escrito narrativo com as várias capas dos livros, foi possível elencar “enunciados” discursivos que poderiam ser destacados como “temas” da obra, no caso: “O Rio de Janeiro do século XIX” e “A traição e o adultério feminino”, que juntos, compõe a seguinte formação discursiva: “A traição e o adultério feminino ocorrida no Rio de Janeiro do século XIX”.

Abre-se um convite assim, para que outras vozes se debrucem e juntem-se a nós, para estudos referentes à análise discursiva de Foucault, em textos literários narrativos, aplicados também ao campo da Ciência da Informação.

A DISCURSIVE LOOK AT THE BOOK COVERS: the dialogues between images and words in “Dom Casmurro”

Abstract

This research aims to understand the verbal-visual languages present in a collection of book covers of a narrative romance and the way they portray the contents of the work, with a view to the process of literary text analysis. We resort to the archaeological theory of Michel Foucault in his concepts of “statement” and “discursive formation” in the book “The Archaeology of Knowledge,” which were applied in the work “Dom Casmurro” by Machado de Assis. It is shown as a result that two statements that serve as themes: “The city of Rio de Janeiro in the nineteenth century” and “female betrayal and adultery,” which constituted the discursive formation: “The female betrayal and adultery in Rio de Janeiro in the nineteenth century.” At the end we found that the theory could help in the discursive practice of literary analysis of narrative texts, opening a possibility of further studies, among the existing ones, also in the field of Information Science.

Keywords:

Information Science. Discourse analysis. Brazilian literature. Dom Casmurro. Book Covers.

Artigo recebido em 14/07/2011 e aceito para publicação em 24/07/2012

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008. (Linguagem, 9).

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [199?]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=2081&co_midia=2>. Acesso em: 03 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: método para de documentos: determinação de seus assuntos e seleção dos termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

BARRETO, A. Glossário sobre a Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, fev. 2007. Disponível em: <http://dgz.org.br/fev07/Ind_com.htm>. Acesso em: 08 ago. 2009.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R.O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 1998.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Leituras Filosóficas).

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008. (Coleção Campo Teórico).

MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J. A. C.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: GARCÍA MARCO, F. J. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación y en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007.

MORAES, J. B.E.; GUIMARÃES, J. A. C. Análise documental de conteúdo de textos literários narrativos: em busca do diálogo entre as concepções de aboutness/meaning e percurso temático/percurso figurativo. In: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Discurso e texto**: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação. São Carlos: EdUfscar, 2008.

PICCI, D. L'indicizzazione della narrativa: esperienze a confronto. **Bollettino AIB**, v. 48, n. 1, p.25-43, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.aib.it/aib/boll/2008/0801025.htm>>. Acesso em: 28 set. 2010.

RIBEIRO, J. P. **Capas de livros: entre a arte o artifício.** 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002

SIQUEIRA, J. C. O Desvelar da Imagem: análise semiótica de capas de livro do domínio da Ciência da Informação. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 3, n. 3, 2010. Disponível em: <

http://www.usp.br/anagrama/Camara_desvelardaimagem.pdf >. Acesso em 13 fev. 2011.

STRACCIA, C. **As marcas que se imprimem na capa de livros adaptados para o cinema e para a televisão.** 2007. 150f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Multimídia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.